

Imagem e linguagem numa perspectiva transcultural (*)

MARIA RAQUEL DELGADO MARTINS (**)

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho apresenta uma reflexão e os primeiros dados de uma investigação conduzida durante o presente ano no âmbito de um projecto de cooperação entre o Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa e o Instituto de Desenvolvimento Educativo (INDE) da República Popular de Moçambique. Tem este projecto por objectivo o desenvolvimento do Sistema Nacional de Ensino em Moçambique, através da formação de quadros e de investigação na área de ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa.

Moçambique, como se sabe, após a independência, adoptou o Português como língua oficial e língua única de escolaridade. Na vasta área geográfica de Moçambique existem aproximadamente 25 línguas nacionais, todas da família bantu de uma família mais vasta, a congo-cardofan. O último censo nacional de 1981 apontava para uma taxa de analfabetismo de aproximadamente 89 % sendo que o total da população apenas

era 11 % bilingue na sua língua materna e em Português.

O Português é pois a língua em que, a partir de 1982, é implementado o sistema nacional de ensino em Moçambique entrando em funcionamento, a partir dessa data, um ano escolar em cada ano civil, com novos programas, novos métodos e novos materiais escolares. Assim, as crianças em idade escolar (7 anos) são postas perante a dupla e complexa tarefa de, ao mesmo tempo, aprenderem uma língua segunda e a ler e a escrever nessa língua, devendo utilizá-la como língua exclusiva de comunicação e de aprendizagem no meio escolar.

O método adoptado — já hoje tradicional no campo do ensino de uma língua segunda — consiste fundamentalmente em adoptar, durante os primeiros tempos de iniciação à língua, situações de comunicação oral, sem recurso à leitura e escrita e sem qualquer utilização da língua materna.

Os suportes das situações comunicativas, neste caso, são exclusivamente gráficos, desenhos, imagens, sequências de imagens nos livros do aluno de que existem igualmente reproduções em cartazes para a situação de classe. A cada imagem deverá

(*) Investigação realizada no âmbito do Projecto UNESCO, MOZ/78/002.

(**) Investigadora Principal da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

corresponder um referente linguístico, a cada sequência um diálogo ou uma história, estes exemplificados no livro do Professor. Por este processo a imagem gráfica funciona como referente semântico do discurso oral do professor, devendo conduzir a uma progressiva compreensão e produção do oral por parte da criança.

O trabalho desenvolvido de colaboração com a equipa de Português do INDE e a observação de numerosas classes em escolas de Moçambique segundo a metodologia descrita levaram-me a uma reflexão sobre algumas questões geradas pela situação específica que podem levar a hipóteses relevantes do processo de aprendizagem perceptiva e linguística, em particular pela relação do discurso sobre imagem.

OS DADOS DE IMAGEM E LINGUAGEM

A investigação sobre a relação da imagem e da linguagem foi realizada a partir de uma parte dos dados de um inquérito sociolinguístico em Moçambique, entre 1984-1985, por uma equipa do INDE, orientado por G. Mérigoux no âmbito igualmente do Projecto UNESCO. O inquérito visava fazer um levantamento das variantes da língua portuguesa falada em Moçambique sobre aspectos tais como o emprego de preposições, as formas de tratamento, o emprego, do verbo *ter* e *haver*, dos complementos directos e indirectos. O inquérito foi aplicado a professores do ensino primário e a alfabetizadores (de adultos) eles próprios com escolaridade de 4.ª e 6.ª classe do anterior sistema de educação. O inquérito foi aplicado a 100 sujeitos, em quatro províncias, tendo em conta as variações de língua materna e a diferenciação urbana e rural.

Foi feito o tratamento dos dados do inquérito à excepção dos correspondentes às perguntas abertas. O nosso trabalho incidiu pois sobre as respostas a uma dessas perguntas. Era apresentada ao sujeito uma

folha reproduzindo uma página de uma banda desenhada (Fig. 1) original, concebida em Moçambique que trata do período da descolonização. A apresentação era acompanhada pelo seguinte pedido: «Olhe um pouco para estas imagens e depois conte-me uma história sobre elas.»

A recolha foi feita oralmente em entrevista gravada depois transcrita rigorosamente. É sobre uma amostra de 100 dessas respostas que apresentamos uma análise: 1) tendente a uma explicação da relação entre a percepção das imagens e o discurso sobre elas produzido; 2) tendente à explicitação de traços que possam constituir uma tipologia dessa relação e ainda 3) a fornecer indicações sobre a função e o significado da imagem nos materiais destinados à aprendizagem.

ANÁLISE DA RELAÇÃO IMAGEM/ /LINGUAGEM

A imagem gráfica pode conter elementos considerados figurativos e que podem ser transpostos para itens lexicais da linguagem verbal. No entanto a relação entre esses elementos figurativos da imagem nunca é explicitado graficamente. Ao contrário, a língua explicita as relações entre os itens lexicais através da sua estruturação fonológica e sintáctica. Como diz Bresson:

«À la différence du langage, les images (figurations picturales, schémas, cartes, etc.) ne marquent jamais les opérations de mise en relation et les inférences à accomplir pour constituer 'une représentation sémantique' de ce qui est graphique inscrit pour lire et comprendre l'image.»

Brésson, 1981, 187

Assim, se considerarmos a primeira imagem da sequência apresentada no questionário podemos considerar que graficamente teremos elementos figurativos que permi-

tem identificar «dois homens», «fogo», «barco», mas as relações não estão «inscrítas» na imagem. A «leitura» desta imagem poderá permitir além do reconhecimento e tradução linguística destes elementos, a expressão das suas relações. Podemos ter no entanto várias interpretações: 1) «os homens acendem o fogo»; 2) os homens apagam o fogo»; 3) «o homem põe uma bomba»; 4) «os homens estão a aquecer-se».

É evidente que, para além da estruturação gramática dependente da «leitura de imagem» a sua interpretação depende igualmente do contexto da imagem. A apresentação, de tipo banda desenhada implica uma relação gráfica implícita entre as imagens que terá de ser explicitada verbalmente. Implica ainda uma ordem de leitura que não corresponde à da escrita, da esquerda para a direita e de cima para baixo. A interpretação, no caso presente, do significado da primeira imagem só pode ser conseguido após leitura das outras ou de algumas das outras. Mas se a percepção visual da sequência de imagem pode não ser sequencial, linear e única o mesmo não acontece com o correspondente linguístico.

Assim, neste caso, a percepção visual e interpretação de outras imagens deverá permitir desde a primeira imagem a selecção das interpretações possíveis. O processo de percepção visual seleccionaria apenas as frases 1) e 3). A gramática de uma língua pode dar conta de uma descrição de uma sequência de imagem por qualquer ordem desde que o falante utilize os operadores gramaticais adequados. Por exemplo, podemos ter a relação das três primeiras imagens expressas da forma seguinte:

- 1) os homens puseram uma bomba depois fugiram e o barco explodiu;
- 2) os homens fugiram depois de porem uma bomba e o barco explodiu;
- 3) o barco explodiu porque os dois homens puseram uma bomba e fugiram.

As três frases são gramaticais mas têm relações de ordem e de estrutura diferentes, implicam igualmente níveis de complexidade diferenciados que permitam manter a coerência discursiva.

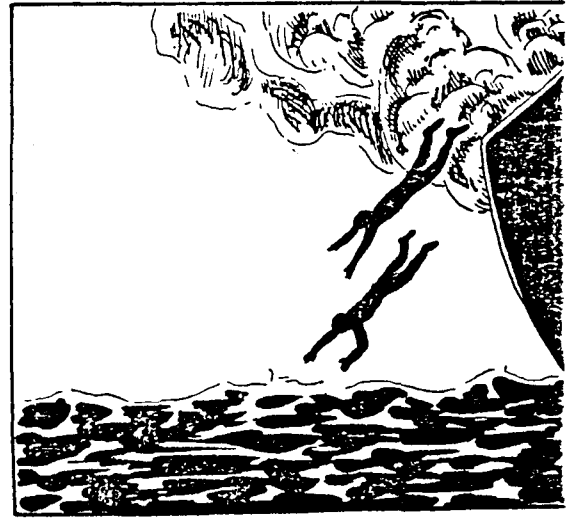
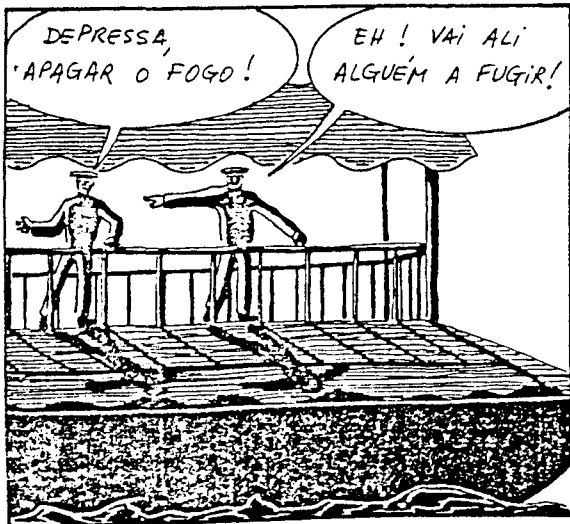
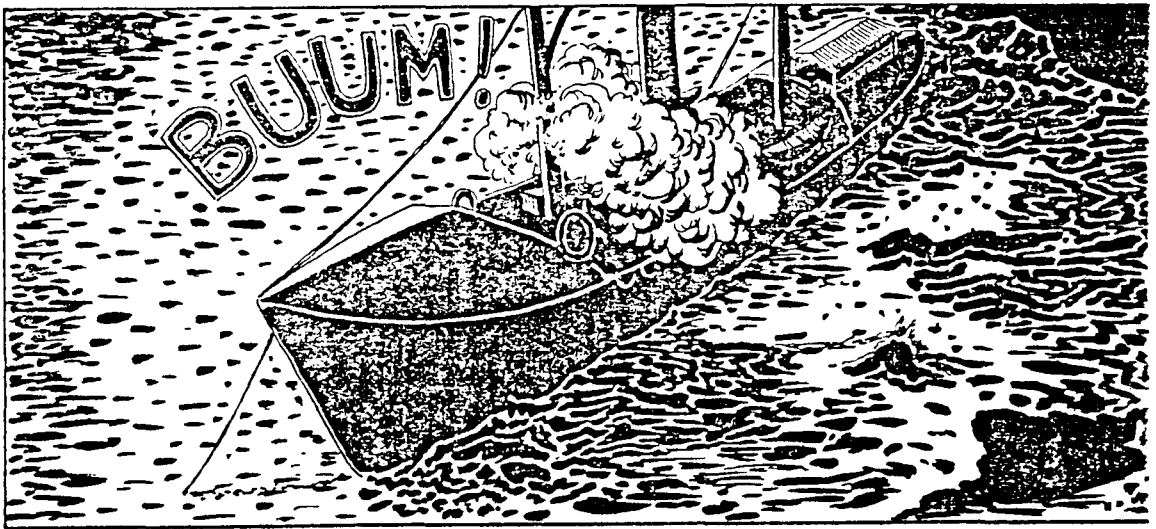
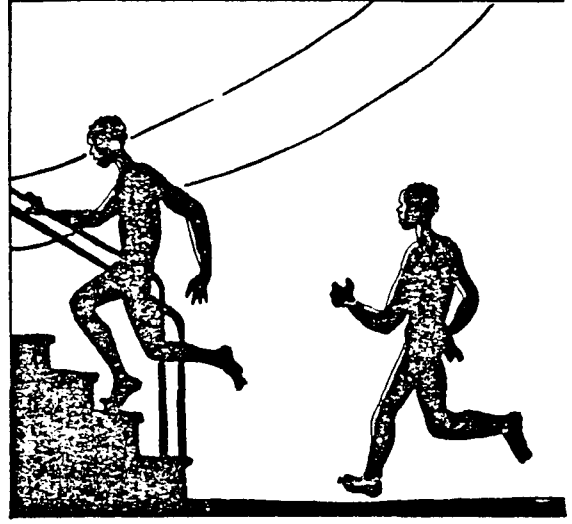
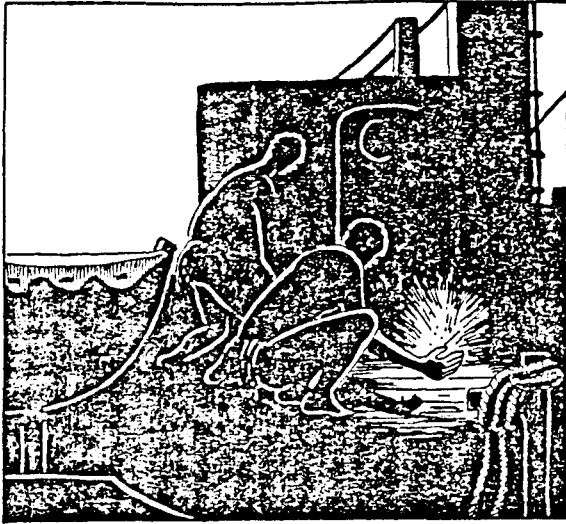
A leitura de imagem supõe igualmente uma competência idêntica dos códigos e das regras do código por parte daquele que produz e daquele que lê. Assim, os exemplos produzidos até agora são uma leitura do código pelo autor: mas só na medida em que a partilha desses códigos supõe uma comunidade é que a leitura de imagem pode ser considerada como uma convenção cultural.

Assim, muitos dos elementos específicos da banda desenhada surgem com a função de suprir a ausência das formas de relação entre os elementos gráficos. A banda desenhada cria assim um código convencional não-icónico, constituído por índices, para significar relações não explicitadas pela imagem: tracejados, estrelas, setas com valor codificado. Integra ainda os elementos gráficos da escrita com significados diferentes, pontos de exclamação, de interrogação e ainda a escrita em si transcrevendo a fala dos personagens, os seus pensamentos, os vários tipos de «balões». No entanto, o sistema não-icónico da banda desenhada introduz um novo tipo de grafismo, arbitrário, um novo código que exige uma aprendizagem para uma competência da sua produção e da sua compreensão.

ANÁLISE DO NÚMERO DE ORDEM DAS IMAGENS

A metodologia de análise das produções verbais permite identificar quais as imagens reconhecidas e a sequência em que são apresentadas, sem contudo que essa ordem implique uma identidade na ordem de percepção visual, como já observámos.

Assim no discurso oral sobre as imagens são referenciáveis os seguintes dados:



— Se atendermos ao número de informantes que refere as imagens pela ordem linear (isto é a 1.^a imagem em 1.^o lugar, a 2.^a imagem em 2.^o lugar, etc), temos que:

17%	dos informantes	refere	as	5	imagens
3%	»	»	»	4	»
15%	»	»	»	3	»
10%	»	»	»	2	»
23%	»	»	»	1	imagem
30%	dos informantes	não	refere	qualquer	imagem pela ordem certa

— Se considerarmos o número de imagens referidas pelos informantes independentemente da ordem em que aparecem no texto gráfico, temos que:

34%	dos informante	refere	as	5	imagens
26%	»	»	»	4	»
12%	»	»	»	3	»
12%	»	»	»	2	»
6%	»	»	»	1	imagem
8%	»	»	»	0	»

ANÁLISE DOS DADOS LINGÜÍSTICOS/ /GRÁFICOS

Segundo os princípios enunciados quanto às possíveis relações entre elementos da imagem e elementos linguísticos, podemos considerar tipos de relação:

1. Relação entre elementos figurativos da imagem e unidades lexicais, geralmente nomes, pronomes.

ex.: os homens, os barcos, o mar.

2. Elementos lexicais referentes às relações não explícitas graficamente entre os elementos da imagem, sejam «situações», acções.

ex.: estão a acender o fogo, fogem, estão a dizer.

3. Introdutores gramaticais dos elementos lexicais enunciados em 1. e 2. Estes elementos gramaticais podem ser:

— coordenadores dos elementos lexicais:
e, então;

— introdutores frásicos de frases simples ou complexas, estas marcando relações de causa/efeito, de espaço/tempo entre os elementos de cada imagem e das imagens entre si;

ex.: quando, depois de, como... então.

4. Elementos discursivos correspondentes ao discurso contido nos «balões» da imagem 4 e que podem ser discurso directo ou discurso indirecto com os respectivos verbos introdutores.

ex.: disse «vamos apanhá-los!»
disse que fosse apanhá-lo.

5. Finalmente são analisados os elementos convencionais de narração ou de adequação narrativa. Podem ser de introdução ou de finalização:

ex.: «eu aqui vou contar uma história,
a história é esta...»
«era uma vez...»
«pronto, chega...»
«é tudo».

PARA UMA TIPOLOGIA DA RELAÇÃO IMAGEM/LINGUAGEM

A associação dos critérios de selecção e sequenciação das imagens na verbalização e as correspondências estabelecidas entre os elementos gráficos e a estrutura linguística, como acabamos de o descrever, permitem propor uma tipologia entre imagem/linguagem.

1. Textos em que existe uma correspondência lexical com os elementos figu-

rativos da imagem, estruturação sintáctica correspondentes à sequenciação das imagens criando uma estruturação semântica coerente e dependente da imagem.

ex.: texto n.º 4.

2. Textos em que não existe correspondência entre os elementos figurativos da imagem e os referentes lexicais, criando-se contudo uma estruturação sintáctica e semântica coerente mas independente da imagem.

ex.: texto n.º 23.

3. Textos caracterizados por correspondência dos elementos gráficos e dos referentes linguísticos sem que haja estruturação sintáctica que permita uma coerência semântica e a estruturação narrativa.

ex.: texto n.º 33, 11.

A análise dos restantes textos deverá permitir criar novos tipos de textos pela

associação de variáveis que definimos trazendo assim uma hipótese explicativa das especificidades de cada um dos dois códigos e das suas interações.

Estas hipóteses deverão ainda permitir a avaliação de situações de aprendizagem de uma modalidade mediata por outra: a linguagem pela imagem, a imagem pela linguagem, a escrita pela leitura, o oral pelo escrito, etc. No caso em análise, não se pode assim avaliar a competência linguística pela descrição produzida sobre as imagens, como também não se pode avaliar a compreensão das imagens pelo discurso sobre ela produzido.

CONCLUSÕES

Para além das conclusões sobre as relações de imagem/linguagem e das consequências para a avaliação de diferentes modalidades no processo de ensino/aprendizagem, deve-se acentuar a importância destes resultados para a elaboração de materiais escolares quanto a função da imagem e do seu significado cultural.

Informante 4

- 1 Eu vejo aqui dois homens
Parece que estão a pôr uma armadilha no fogo
- 2 Depois de colocarem então saíram,
Começaram a fugir, silenciosamente sem fazer barulho.
- 3 E na saída deles parece que o barco arrebentou, explodiu.
- 4 E depois de explodir saíram polícias...
Esses polícias então é que diziam:
Depressa, apagar o fogo, vem alguém a fugir!
Quando eles viram alguém a fugir
- 5 E aqueles dois atiraram-se para o mar saindo do barco.

Informante 33

- Intr. Estou a ver aqui
- 3 Uma queimada de fogo

- 2 Dois homens estão a correr
- 4 E os outros estão a mostrar.
Disse que veja lá o fogo
Corre, anda depressa, vamos apagar o fogo!
- 2 E as duas pessoas correram para o fogo
- 1 E começaram a apagar.

Informante 23

Esses são os nossos antepassados.
Aqui estiveram a aprender como é que se faz o fogo.
Desde eles não conhecerem como se faz o fogo.
Um deles descobriu como é que se faz o fogo
e chamou os outros
e começaram se ensinar.

Informante 11

Intr. Quero dizer agora

- 1 No meu lado esquerdo dessa imagem, 1.^a imagem ali estão a acender o fogo.
- 2 E ao lado direito uma pessoa está a subir a escada e o outro está a vir atrás.
- 3 E na 3.^a imagem há queimadas, está a queimar o mato.
- 4 E na 3.^a imagem, uma pessoa está a mostrar a outra e a outra está a fugir.
- 5 E a 5.^a, as pessoas estão a cair de cima duma montanha.

BIBLIOGRAFIA

BRESSON, François (1981) — «Compétence Iconique et Compétence Linguistique». *Communications*, n.º 33, 185-197. Paris, 1981.
DELANNOY, Pierre-Alban (1981) — «L'image dans le Livre de Lecture». *Communications*, n.º 33, 197-221. Paris, 1981.

DU TOIT, B. M. (1966) — «Pictorial Depth Perception and Linguistic Relativity», *Psychologia Africana*, n.º 11, n.º 2. London, 1966.
SHAFE, Wallace L. (1981) — *The Pear Stories*, Cognitive, Cultural and Linguistic Aspects of Narrative Production. Ablex Published Corporation. New York, 1981.

ANALISE PSICOLÓGICA



O PRÓXIMO NÚMERO DE

ANÁLISE PSICOLÓGICA,

N.º 1 — Série VI

(a sair em Janeiro de 1988)

***Número
não
temático***



ANALISE PSICOLÓGICA

é uma edição do

INSTITUTO SUPERIOR

DE PSICOLOGIA APLICADA

R. Jardim do Tabaco, 44 — 1100 LISBOA

Telefones: 86 31 84/5/6